

GT 6. ESTUDOS CLÁSSICOS: ESTUDOS ANTIGOS, EFEITOS MODERNOS

COORDENAÇÃO: ARTUR COSTRINO (DELET/UFOP);
ALEXANDRE AGNOLON (DELET/UFOP)

MONITOR: EDUARDA WANDERMUREN THOMPSON

Apresentações: 7 de abril de 2021, das 14h às 15h40

1. A MANIFESTAÇÃO DE TERSITES NA ILÍADA

Gustavo Henrique Montes Frade – UFJF
(ghmfrade@gmail.com)

Esse trabalho se dedica a pensar a cena de Tersites na *Ilíada* (2, 211-79), com atenção especial às circunstâncias de sua manifestação (e aos elementos de incerteza relacionados a essas circunstâncias), à sua caracterização pelo narrador, que será comparada às suas representações em outras fontes para avaliar as múltiplas interpretações da posição social desse personagem na fortuna crítica, e ao seu discurso, que será comparado às críticas de Aquiles a Agamêmnon no primeiro canto do poema. Essa cena possibilita uma reflexão sobre as tensões relacionadas ao poder na sociedade guerreira representada nos poemas homéricos, e sobre como essas tensões são trabalhadas poeticamente. Partindo da hipótese de que o discurso de Tersites incorpora ao texto da *Ilíada* uma perspectiva contrária à hierarquia aristocrática, pode-se, na verdade, identificar em que medida isso pode ser pertinente (na crítica à ganância insaciável dos detentores do poder, ao desrespeito à justa distribuição das riquezas e à irresponsabilidade desses líderes diante da comunidade) ou em que medida está fundamentado numa mesma moralidade guerreira. Essa reflexão integra uma investigação sobre o poder no pensamento grego arcaico e sobre as estratégias de legitimação desse poder.

Homero; *Ilíada*; Tersites; representação; poder.

2. A LAVAGEM DAS MÃOS EM HOMERO E SEU SENTIDO PURIFICATÓRIO

Teodoro Rennó Assunção – UFMG
(teorenno@gmail.com)

Breve estudo, com exemplos traduzidos e comentados, sobre a pequena cena típica da lavagem das mãos em Homero, integrada o mais das vezes como uma preparação para o banquete ou refeição (deste modo com um número muito maior de ocorrências na *Odisseia*), mas também como uma preparação possível para alguma libação ou invocação/prece a um deus, o que esclarece e confirma o seu sentido ritual purificador (e não apenas higiênico) e, portanto, também a sua dimensão religiosa.

Lavagem; mãos; Homero; purificação.

3. DUPLA MORTALIDADE NO ENCONTRO ENTRE HÉRACLES E ODISSEU NO HADES (ODISSEIA 11.601-640)

Antonio Orlando Dourado Lopes – UFMG
(aoodlopes@gmail.com)

Destacando as características de Hércules como herói popular tradicionalmente associado a seu pai, Zeus, à força bruta e ao sofrimento, proponho neste estudo: (1) comparar suas características mais importantes com as dos principais heróis homéricos, (2) analisar e contextualizar suas principais

afinidades com o Odisseu da Odisseia e, por fim, (3) mostrar como o encontro entre os dois, no Hades (Od.11.601-640), pode ser considerado tanto um episódio mitológico de visita ao reino dos mortos (nékyia, katábasis), tradicional no oriente próximo e na Grécia, quanto o limite extremo das aventuras de Odisseu. Segundo minhas análises, Hércules e Odisseu se distinguirão dos demais heróis da Odisseia a partir de uma ‘dupla mortalidade’ a que só eles se submeteram.

Homero; Odisseia; Hércules; Odisseu; Hades; nékyia; dupla mortalidade.

4. O PENÉLOPE, O RECRUTA, O ARANHA: DESDOBRAMENTOS SOBRE A PALAVRA LATINA TEXERE

Marina Baltazar – UFMG
(marinagmattos@gmail.com)

Para compreender o presente, é preciso perscrutar o passado, não como um continuum que nos trouxe até aqui, mas como atravessamentos que permitem elaborar manifestações e gestos contemporâneos. A raiz comum das palavras texto e têxtil, do latim *texere*, se desdobra também em significantes que podem remeter à estrutura formativa de ambas: tecer, trançar e construir são verbos que estão constantemente ligados seja ao texto, seja ao têxtil. O compartilhamento da raiz etimológica pode ser visto não apenas de maneira dicionarizada, mas também por meio de mitologias, que são repetidas e reiteradas, oral e arquivisticamente, ao longo do tempo e do espaço, até serem incorporadas em uma linguagem do comum. A partir da tentativa de rastrear alguns dos desdobramentos da palavra latina, vamos revisitamos algumas versões mitológicas que giram em torno do tecer, majoritariamente performadas por mulheres, e analisar como sua reiteração tempo-espacial pode se desdobrar em escrituras poéticas contemporâneas. Para isso, além da etimologia da palavra *texere*, é preciso consultar o oráculo de alguns dos mitos fundadores que tramam esta linhagem de têxteis que está constantemente na ponta da língua – e não são poucos. Longe de uma genealogia a ser traçada, alguns deles serão revisitados apenas como exercício para tentativa de compreensão daquilo que é criado e até mesmo apropriado nos dias de hoje. Sendo assim, adotaremos como estratégia algumas versões incorporadas dos mitos, como das Parcas e/ou Moiras, Ariadne, Aracne, Filomela, Penélope e Ananse, que serão lidas com atenção e como sintomas de inscrições poéticas que performam algumas de suas aparições constelares na literatura e nas artes. Além do apoio teórico da intermedialidade, segundo Claus Clüver (2011), e da noção de alegoria proposta junto ao gesto tecedor por Luana Sofiati (2020), buscaremos, no avesso da literatura, o seu próprio método, vestígios, ou fragmentos, como nos aponta Veronica Stigger (2016), que nos indicam o caminho a percorrer. Chegaremos, assim, a analisar alguns poemas como se fossem o fio ofertado a Teseu no labirinto: procurando seu caminho de volta, não como origem, mas como resquício, rastros que nos inserem, hoje, em uma tradição popular e, ainda, tão contemporânea. Por isso nos debruçaremos em alguns dos muitos textos críticos que já pensaram a relação texto-têxtil, bem como textos literários que elaboram, a partir e neles mesmos – como exercício prático e também teórico –, esta relação, como é o caso de Jussara Salazar (2016) e Patrícia Lavelle (2020). Além disso, buscaremos olhar com novos olhos expressões e palavras relacionadas ao *texere*, presentes em conversas e textos cotidianos, revirando seu(s) avesso(s): a palavra poética, agora, na medida mesma em que escrevemos, toma cada vez mais espaço no pano, ou mesmo no papel, mas sob outra forma de linha – a do bordado, como é o caso da obra que dá título a este ensaio, de José Leonilson, *O penélope, o recruta, o aranha* (1991), ou das flâmulas bordadas pela mineira Julia Panadés, uma delas inscrita “Ela desfazia o que tecia como oferta ao recomeço”, incorporando o gesto sem fim de Penélope.

Relação texto-têxtil; Mitologias; Incorporação; Poéticas brasileiras contemporâneas; Bordado.

Apresentações: 8 de abril de 2021, das 14h às 15h40

1. JUSTIÇAS PARALELAS: O CONCEITO DE JUSTIÇA DESENVOLVIDO POR PLATÃO E CÍCERO

Gabriela S. Moura – UFOP
(gabriela.moura@aluno.ufop.edu.br)

Este trabalho de iniciação científica se propôs a analisar o conceito de justiça, ou o que é justo, como são estabelecidos, discutidos e problematizados ao longo da República de Platão, visto que esta idealização e teorização se tornam um dos pilares do pensamento filosófico. Para mais, buscamos analisar de que maneira essas ideias são transmitidas e reelaboradas no De Officiis de Cícero, contaminadas pelo conhecimento de ideias concorrentes de outras filosóficas. Contudo, a extensão da influência platônica ainda não foi propriamente mensurada, de modo que essa pesquisa visa esclarecer parte dessa resposta. A virtude soberana para o romano, que governa o comportamento social, é também a justiça. Para tanto, Cícero molda sua filosofia pensando no contexto político de decadência republicana e na ciuitas romana, fomentando o debate sob em um fim ético prático, embasado primordialmente na regra. Sob um panorama significativo que permitiu a análise comparativa e crítica em ambas as obras, prestamos atenção à diferença temporal, das estruturas sociais e políticas que separam os autores.

A República; Dos Deveres; justiça.

2. O ELEMENTO CATÁRTICO NO MITO DE CINIRAS E MIRRA DAS METAMORFOSES DE OVÍDIO

Artur Costrino – UFOP
(artur.costrino@ufop.edu.br)
Renata Samantha da Cruz – UFOP
(renata.cruz@aluno.ufop.edu.br)

O objetivo deste projeto foi comparar as características de composição do mito de Cíniras e Mirra à estrutura da tragédia, como proposto por Aristóteles no capítulo VI da Poética e, a partir da análise deste mito, comprovar ou não, se o mito recontado por Ovídio apresenta semelhanças com a estrutura da tragédia e, por isso, obedece ao objetivo primeiro do gênero trágico, que é conduzir a audiência à Katharsis (purificação). A análise dos versos do mito teve como base manuais como a Poética e a Retórica de Aristóteles, a Retórica a Herênio de Pseudo-Cícero, o Tratado do Sublime de Pseudo-Longino e vários textos antigos, além de estudos sobre as concepções de catarse. Apesar da catarse ser um aspecto intrínseco ao gênero trágico, diferentemente do mito aqui tratado, o processo de investigação conseguiu demonstrar que o elemento catártico se apresenta textualmente no mito de Cíniras e Mirra, ou seja, o texto composto por Ovídio no livro X das Metamorfoses é símile à estrutura da tragédia que consta na Poética de Aristóteles.

Mito; Ovídio; Metamorfoses; Katharsis; Mirra.

3. VIRGINES VESTALIS: CARTOGRAFIAS HISTÓRICAS DAS SACERDOTISAS DE VESTA

Letícia Maria Quintella Viana – UFPE
(leticia.mqv@hotmail.com)

Neste trabalho, realizaremos um aparato histórico acerca das Virgens Vestais, que representavam um dos cultos mais importantes da República Romana, sendo responsáveis pelo lar público, ao cuidar do

templo da deusa Vesta, protetora da cidade. Nosso interesse acerca desta temática se dá pelo fato de que estas se configuram como personagem principal no excerto de controvérsia 6.8 de Sêneca, o Velho, corpus da pesquisa que estamos desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Sendo assim, buscaremos entender a importância histórica das Vestais romanas, investigando como elas foram aderidas ao colégio pontífice e quais eram suas funções, direitos e deveres. Para tanto, nos serviremos do aporte teórico encontrado no *Ab Urbe Condita*, de Tito Lívio; no *Noctes Atticae*, do Aulo Gélcio, e outros.

Virgens Vestais; Vesta; História Antiga.

4. A IDENTIFICAÇÃO POÉTICA DE DRUMMOND COM A POESIA DANTESCA

Monique Bione Silva – UFSC

(nickbione@gmail.com)

O presente trabalho visa apresentar reflexões que busque mostrar que a identificação poética de Carlos Drummond de Andrade com a poesia de Dante Alighieri está na angústia diante do mundo, na insatisfação social, no uso de sombras e luzes, no sentimento melancólico de perda e na negatividade crítica que é utilizada para chamar a atenção para determinada situação ou causa. Tais características também são próprias dos indivíduos melancólicos. Os dois são poetas viajantes, não necessariamente de espaços geográficos, mas do tempo, ou seja, não se atrelam a uma época específica. Optam pelo anacronismo para refletir sobre o passado, presente e futuro. O objetivo deste trabalho é fazer uma análise literária das poesias de Drummond à sombra melancólica de Dante. Perceber como as semelhanças de experiências vividas pelo poeta medieval se refletiram nas poesias de Drummond – em especial nas poesias em que pode ser percebida uma leitura da obra dantesca. Daí, então, o objetivo é perceber a incorporação de elementos textuais retirados do poeta medieval nas obras do poeta mineiro. É necessário percorrer estes textos e identificar a maneira como ele se utiliza de Dante para trazê-lo ao nosso tempo. Nesse sentido, estudar Drummond é fazer uma viagem pela *Commedia*, perceber as suas similaridades e customizações textuais. É também encontrar os diversos rizomas – ligados à matriz da *Divina Comédia* – que foram criados e que criam passagens para uma nova reflexão sobre a obra do poeta florentino envolto pela melancolia poética.

Carlos Drummond de Andrade; *Divina Comédia*; Poesia; Melancolia.

5. "O ORÁCULO" (1866) DE MACHADO DE ASSIS: LOGRO, ENGANO E A TRADIÇÃO CLÁSSICA

Joyce Pereira Vieira – UFOP

(joyce.vieira@aluno.ufop.edu.br)

O presente trabalho tem como objetivo principal discutir, a partir do conto “O oráculo” (1866), a forma como Machado de Assis utiliza a ideia do oracular em textos ficcionais. É nosso intento demonstrar que o oracular é utilizado como forma de logro, numa leitura parodística que mistura humor e ironia, configurando uma estratégia literária de antecipação da narrativa através de sinais implícitos no decorrer das histórias. Partindo do dialogismo e do discurso polifônico (BAKHTIN, 2018) e da poética da emulação (ROCHA, 2013), pretendemos também evidenciar a origem de tal estratégia em textos da tradição literária clássica, a exemplo do gênero trágico, nos escritos do autor fluminense.

Machado de Assis; O oráculo; Emulação; Tradição Clássica